



Dificuldades na agricultura prenunciam rigor da crise

Síntese: *Os primeiros levantamentos da safra 2008/2009 indicam que a agricultura já sente os efeitos da crise mundial. Num comportamento inédito, os prognósticos iniciais apontam redução na produção a ser colhida no próximo ano. Crédito escasso, custos altos e cotações das commodities agrícolas em queda redundarão em menor uso de tecnologia e, conseqüentemente, produtividade mais baixa. O volume de exportações do setor também é cadente, o que pode afetar a balança comercial do país em 2009. Tudo somado, resta claro que a agricultura exige novas e mais modernas políticas que a libertem da dependência das intempéries.*

Depois de dois anos de bons resultados, com ganhos históricos e produção recorde, a agricultura brasileira volta a viver dias de agrura. O setor é um dos primeiros da economia real a sentir os efeitos da crise financeira mundial. Mas, diferentemente de outros segmentos, o campo não tem como lançar mão de estratégias para driblar ou postergar os efeitos mais danosos do crash financeiro; seu ritmo é ditado pelas estações do ano. Na agricultura não vale o popular “antes tarde do que nunca”. Se as soluções não forem tempestivas, de nada adiantam.

Nesta época, o produtor está semeando a safra a ser colhida no próximo ano. Com as primeiras chuvas, ele precisa ter recursos disponíveis para fertilizar a terra e preparar o solo antes de lançar as sementes. Também tem de honrar os empréstimos tomados no passado. Com a escassez de recursos que o mundo, e o Brasil em particular, vem experimentando nos últimos dois meses, o dinheiro não chegou ao campo. Sem chão, o agronegócio começou a ver-se diante da possibilidade de uma nova crise, que pode resultar em escassez, preços mais altos e, no limite, impulso na inflação.

A agropecuária vinha sendo vedete da economia brasileira. No segundo trimestre deste ano, mais recente dado do PIB disponível, apresentou crescimento de 7,1% em comparação com o mesmo período de 2007. O desempenho foi bem superior ao da indústria e ao dos serviços. Mas, a julgar pelas previsões para o ano que vem, tal comportamento não deve se manter, comprometendo ainda mais o resultado da economia brasileira como um todo.

Redução inédita

As primeiras previsões para o campo feitas por órgãos oficiais mostram algo inédito em anos recentes: levantamentos iniciais prognosticando safras menores que a colhida no ano em curso. Em valores absolutos, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que o país deverá colher até 1,8 milhão de toneladas a menos no ano que vem. O IBGE projeta resultado ainda pior: redução de 4,5 milhões de toneladas na comparação com o que o país produziu neste ano-safra.

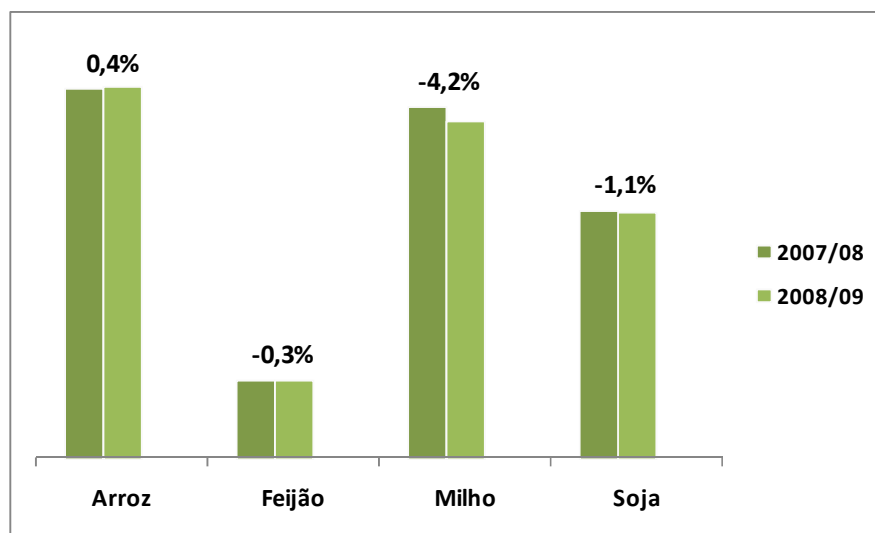
Os agricultores brasileiros devem colher menos numa área plantada maior. Isso significa que a agricultura nacional será menos produtiva em 2009. A Conab

estima variação negativa média de 2,4%, com queda ainda mais aguda na produtividade do Nordeste (-5,7%). As lavouras devem produzir menos justamente pela apertada liquidez vigente: com preços nas alturas em razão da escalada do petróleo e, posteriormente, do dólar, defensivos e fertilizantes tornaram-se artigo de luxo nas fazendas. Calcula a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) que, no caso da soja, os gastos com tais insumos subiram pelo menos 78% desde a última safra. Em consequência, a comercialização de adubos caiu 35,5% em outubro na comparação com igual mês do ano passado.

Uma conjunção perversa de fatores

O que ocorre é que a atividade agrícola passou a depender, fundamentalmente, de financiamento fornecido pelas tradings. Estas companhias antecipam recursos ao produtor que, feita a colheita, lhes paga com o que retira da terra. Mas, com a crise, as tradings – partes de conglomerados internacionais – viram suas fontes de recursos secar. O agricultor ficou sem ter onde buscar financiamento, uma vez que as linhas oficiais são insuficientes. O próprio Banco do Brasil – principal financiador público – admite que o crédito disponível não cobre mais do que um terço da demanda do setor. Este ano, a participação das fontes estatais no total ofertado para as lavouras é a menor da história.

Variação na produtividade média



*Fonte: Conab/Primeiro Levantamento de Intenção de Plantio – Safra 2008/09

Crédito escasso e custos altos são dois dos elementos que amarguram o campo. O terceiro são os preços recebidos pelo que produz. As commodities agrícolas se desvalorizaram com vigor desde que a crise escorreu do setor financeiro, se espalhou pelo mundo e contaminou a economia real. No ano, as quedas nas cotações de milho e soja, por exemplo, estão em 24% e 27%, respectivamente. Sem contratos firmes de compra, que antes as tradings garantiam, e vendo os preços desabar, o produtor tem tido maior receio em semear. Os primeiros efeitos, a Conab e o IBGE já detectaram.

Mais grave é que a maior fragilidade do setor agrícola pode comprometer ainda mais as contas externas do país, já em processo de rápida deterioração. Medidos em quantidade, os itens agropecuários exportados pelo país já são 5,5% inferiores à média do ano passado. Na comparação com o pico, verificado em julho último, a queda chega a 31%. Não se trata de comportamento

isolado: em outubro, o *quantum* exportado pelo país registrou variação negativa (-1,3%) no acumulado em 12 meses. Segundo a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), isto não ocorria desde julho de 1999.

Uma nova política agrícola

Este ano, até outubro, o agronegócio gerou superávit comercial de US\$ 52 bilhões. É, como se vê, o principal responsável pelos resultados ainda positivos, embora cadentes, da balança entre exportações e importações. Medido pelo IBGE, o PIB da agropecuária foi de R\$ 121 bilhões em 2007. Resta claro que não é possível deixar um segmento como este à mercê dos humores do mercado e dependente da ocorrência de bom tempo.

A montanha de recursos despejados sem sucesso nos últimos anos em subsídios e renegociação de dívidas indica que o caminho que vem sendo trilhado é inócuo. Parece evidente que o país precisa definir uma nova e mais adequada política agrícola, baseada em instrumentos efetivos de apoio à comercialização, garantia de preços mínimos e disseminação do seguro rural, que reduza o risco inerente à mais vulnerável das atividades econômicas. Paralelamente, o empenho de nossa diplomacia em abrir novos mercados, remover subsídios e derrubar barreiras comerciais no exterior pode manter o motor das exportações agrícolas em funcionamento, produzindo oxigênio para que o país atravesse a dura tempestade que só está começando.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br